Um espetáculo chamado Roma

Módulo segundo

*As fontes romanas abastecem com trepidantes alegrias a todos que as admiram.*

José Maria Couto Moreira

Prossigamos no passeio sentimental pela bela e insuperável Roma.

Roma não se deu por acabada, embora possua dois mil e setecentos anos, contados a partir de sua fundação, com o reinado sucessivo daqueles bravos reis etruscos, responsáveis por sua localização geográfica e por sua expansão até o ano 500 a.C.

Em qualquer estágio da história da cidade, constituiria uma imperfeição, ou mesmo um erro, não fossem citados aqueles homens convictos de seus poderes territoriais, e que tanto bradaram, pelo sangue, a preservação dos poderes absolutos de que dispunham. Vamos hoje percorrer algo de gracioso e de gentil naquele espaço, monumentos que há séculos oferecem imenso bem estar ao espírito quando deles nos aproximamos e os tocamos. A exuberância de cada um, não esmaece a beleza de outro, que se encontram íntegros e vigiados pela observação atenta da humanidade. Falemos então das galantes fontes de Roma, e nos encantemos com todas, concebidas algumas há mil anos, por nobres romanos, pelos papas e por sociedades pias e culturais. A consciência de conservação da memória daquela cidade, de há muito, foi decisiva para o espetáculo de beleza e êxtase que Roma exerce sobre nós. Também porque, naquela urbe, nada há que exaura o amor que a ela declaramos. Não há repetição de formas, daí a surpresa que nos aguarda a cada passo. A uma paisagem multicolorida pode suceder uma outra, que nos intriga ou nos enternece.

Para comprovar esta verdade, visitemos suas fontes, cada uma obra de um criador diferente , cada uma com sua mensagem ao visitante, cada uma retendo o observador longamente, quedado diante delas, perquirindo a sua forma, a sua existência, a sua plasticidade, exaltando-se com o privilégio de contemplar pequenos e grandes exemplares, testemunhos vivos de uma época imperial faustosa. Esses trabalhos arquiteturais cumpriram seu papel de alegrar a cidade e infundir contentamento nos peregrinos e nos estrangeiros. Na verdade, além de equipar a cidade com recantos em que os olhos transmitem ao espírito uma sensação festiva, as administrações que se sucederam aproveitaram a abundância das águas na região, que continuam abastecendo os moradores e sua sempre presente população flutuante.

É relaxante, mesmo inebriador, o efeito da contemplação da Fontana di Trevi, concebida, primeiramente, pelo Papa Nicolau V, no século XIII, mais com o propósito de aproveitamento do Aqueduto de Água Virgem, ainda hoje abastecendo aquele monumento. Passados mais de duzentos anos, por iniciativa do Papa Urbano VIII, um dos reformadores de Roma, foi pedido a Bernini, arquiteto da época, um novo estudo da fonte, limitando-se o artista a reposicionar sua parte frontal, porém, mortos o papa e Bernini, o projeto também adormeceu, só retomado com Clemente XII Corsini, em 1762, com o auxílio de Nicolas Salvi, desenvolvendo o tema “realeza do oceano”, recebendo a “Fontana” o último restauro quando foram retiradas as esculturas antigas, substituídas pela figura de Netuno e seu séquito.

Este delicado monumento barroco prestou-se a cenário para vários filmes, entre eles o premiadíssimo La Dolce Vita, de Felini.

Às fontes de Roma é impossível atribuir importância a uma em prejuízo de outra. Cada uma teve sua inspiração, seu tema e a própria liberdade física, que permitia ao artista atuar em determinado espaço. À ilustração, em uma pequena fonte, no final da transnacional e elegante Via Vittorio Veneto, em que ainda se exibem celebridades internacionais, a Fonte das Abelhas, concebida pelo sempre iluminado Bernini e realizada em homenagem ao pontificado do papa Urbano VIII Barberini, o brasão da família consigna, em bronze, a leveza e graça da abelha.

Fonte em que nos detemos por mais tempo, porque obrigados a gozar daquela magia de curvas e intensos movimentos aquáticos, é a das Naiades, próxima à estação ferroviária. Esta é obra do século XX, em que atuou exclusivamente Mario Rutelli. Avançando aos lentos passos do barroco, Rutelli provocou enorme escândalo na cidade, porque ali assentou ninfas artisticamente reclinadas sobre animais da água. Impôs ainda o arquiteto, no centro da fonte, a presença do deus marítimo Glauco, e, junto a ele, um vigoroso jato dágua, ali representando os obeliscos e colunas da cidade. Esta exuberante mostra da arte romana constitui a primeira surpresa que o viajante recebe ao desembarcar em Roma.

A Piazza Navona, aquele apreciável espaço em que desponta, como rico exemplar palaciano, a Embaixada do Brasil, burburinho constante no dia e na noite, estarrecem nossa admiração as três fontes irmãs, ali instaladas por Gregorio XIII e reformadas por Inocêncio X Pamphili . A Fonte dos Rios exprime homenagem aos rios Ganges, da Prata, Nilo e Danúbio, e correspondem aos quatro continentes até então conhecidos. Todas versam temas marítimos, o que era um requinte dos projetos romanos da época, porque Roma, cristianizada há milênios, não mais se assustava com teses mitológicas, e as utilizavam para expor e exprimir tão somente a arte pela arte. A Fonte de Netuno se completa com a figura de Netuno em companhia de ninfas. A Fonte do Mouro, que completa a tríade, representa um mouro em luta com um animal marinho, encontrando-se esta em frente ao Palazzo Pamphili. A contemplação de tão agradável vista produz sensação de apossamento de grande riqueza espiritual. A aplicada e paciente artesania daqueles romanos, que convertiam blocos de pedras em figuras admiráveis, é tão intrigante quanto a tecnologia atual, em que tempo e espaço transmudaram-se para puras referências metafísicas. Como eram felizes aqueles homens e mulheres na certeza de que o tempo de ontem pertencia a eles, e não é mais como o tempo de hoje, em que o frenesi de viver está reorientado para o consumo e demais atividades que esgotam nosso dia sem que nos apercebamos. Em síntese, não somos mais contemplativos como dantes, ou tanto quanto deveríamos ser.

O gosto de apreciar Roma, mirando suas fontes, seus palácios, suas igrejas suas praças e suas ruinas, enfim, seu conjunto urbano, requer disposição contemplativa, porque Roma possui mistério e beleza, atributos que exigem tempo que se entregue a eles para a admiração de cada qual.

Outra fonte que desperta o interesse de todos é a Fonte da Água Feliz, também chamada de Moisés. Concretizada por Sixto V, em 1588, concebida por Domenico Fontana, representa o início do aplauso dos romanos pelas grandes fontes. Seu construtor amargurou-se mortalmente pela crítica da população que acusou possível desproporcionalidade entre a figura de Moisés em face da dimensão do monumento.

Inclui-se, também, como atração para romanos e visitantes, a Fonte de Castor e Pólux, uma tentativa de retomada de linhas arquitetônicas da época imperial. Com estátuas colossais dos gêmeos mitológicos patronos da equitação, decora fantasticamente a Piazza del Quirinal, onde se encontra o Palácio do Quirinal, imóvel onde se instalou a residência do presidente da República Italiana desde 1946. A característica peculiar deste monumento é que ele é todo composto de peças retiradas de ruinas da cidade. Era prática que se estendia também aos particulares, até a unificação da Itália, o aproveitamento de materiais então distribuídos em construções públicas pela cidade.

As fontes romanas são como os romanos: sonoras e ruidosas, alvoroçadas, vibrantes, animadas e agitadas. São estas qualidades que melhor expressam o hábito do romano de viver e conviver. O romano tem seus chistes, seus gracejos, e as fontes suas exclamações e seus jorros, que respingam nos passantes que mais delas se aproximam. E comprovam a abastança com que vivem aquelas gentes. As fontes possuem o que mais as justificam: a abundância de suas águas, que jorram e se movimentam, sugerindo sua perenidade. Não se sabe mesmo, diante da festa aquátil que exibem, quem primeiro ali chegou, se as fontes ou os romanos.

O autor é advogado, ex-procurador do Estado.